

Educação cristã e a Universidade

Rousas J. Rushdoony

Cultura é religião exteriorizada, e cada cultura representa uma fé em ação. Para entender uma cultura, é necessário entender suas premissas e motivos religiosos básicos.

Frequentemente, ao entender os fundamentos religiosos de uma cultura, suas instituições religiosas formais são a fonte menos significativa de informação. O templo, a igreja, a sinagoga e a capela podem funcionar como relíquias históricas muito depois de sua relevância ter desaparecido. Assim, em alguns países europeus, 99% das pessoas são batizadas, uma elevada porcentagem é confirmada, e uma porcentagem ínfima crê e pratica a fé cristã.

Duas áreas de qualquer civilização nos dão um índice mais cabal da fé do povo. Estas duas áreas são a *lei* e a *educação*. Toda lei é, ou uma moralidade implicitamente promulgada que representa normas morais em seus procedimentos, estrutura e oficiais, ou uma representação explícita e aberta de um código religioso de moralidade. É um código moral, implícita ou explicitamente, e esse código moral repousa em uma premissa religiosa, sobre uma doutrina daquilo que é primordial ou uma teodicéia. De modo que toda estrutura legal é inevitavelmente uma estrutura religiosa, e historicamente, a forma mais importante e dominante de estrutura religiosa. Para a lei ocidental, os fundamentos religiosos têm sido os fundamentos cristãos. Eles estão em processo de abolição, e o humanismo está atualmente convertendo-se na religião oficial da maior parte dos Estados do mundo. O cristianismo, xintoísmo, budismo, islamismo, hinduísmo e outras crenças estão sendo abolidas de maneira contínua, suas leis são descartadas e em seu lugar se estabelecem as leis humanistas.

O mesmo se aplica à educação. O poder de educar está sendo arrancado da igreja e da família e está sendo controlado e administrado pelo Estado. A religião estabelecida das escolas estatais, como demonstra a obra de Dewey, *A Common Faith*, é a religião da humanidade, o humanismo. Nesta área, essa nova religião está enfrentando um forte desafio através do crescimento do movimento da escola cristã.

É significativo que o desafio da fé humanista provenha da educação. A idéia moderna de *escola*, particularmente a que se foca na *universidade*, é claramente cristã. O mundo clássico tinha umas poucas academias, mas desconhecia a idéia de universidade. A pressuposição da universidade é um universo, uma entidade unificada. Este é claramente o mundo criado por um só Deus, com uma lei, e um único universo. Há uma unidade de cima a baixo. A verdade é a mesma em todas as partes porque Deus criou todas as coisas. Marte e Vênus não têm outro sistema de verdade diferente do nosso. Isto nos parece tão óbvio que esquecemos que este conceito era alheio à antiguidade, e cada vez mais se torna mais alheio para muitos em nosso meio. Clark Kerr, presidente da Universidade da Califórnia, negava a idéia de um universo em favor de um multiverso. Negava uma verdade unificadora em favor de uma validade ou invalidade igual para todas as idéias. Uma consequência prática disto foi a aprovação de uma licenciatura em bruxaria.

O mundo clássico foi largamente politeísta; cria em um multiverso. Havia muitos deuses e muitas verdades. Nenhuma verdade era comum a toda a Criação, nem tampouco a nenhum deus. Uma consequência desta posição era uma opinião dualista que ainda hoje nos afeta. *Primeiro*: em um mundo politeísta não há um Deus soberano sobre todas as coisas, e não existem nem o bem nem o mal em um sentido absoluto. Um homem pode escolher ou criar seus próprios deuses e suas opções morais. Intelectualmente falando, isto lançou as raízes para a doutrina da liberdade acadêmica. Nenhuma opinião ou ensino têm mais direito de reivindicar a validade ou verdade sobre qualquer outro. Todas as opiniões ou idéias são igualmente válidas ou igualmente falsas. As idéias ou noções universais não existem como tais na matéria ou no mundo material. São a percepção, por parte do homem, de conceitos abstratos. O progresso requer a imposição da idéia ou forma por sobre a matéria. As cidades-estado gregas, por vezes muito diferentes em sua natureza, e Roma, eram idéias em ação.

Segundo: embora este conceito implicasse na igualdade implícita de todas as idéias, e mesmo na liberdade acadêmica, também implicava em imperialismo. Em um multiverso, em um âmbito ou cosmos politeísta, nenhuma idéia é inerentemente necessária. Nenhuma idéia é básica para a natureza das coisas. De modo que sua vigência se dá por

meio de imposição e imperialismo. O politeísmo, por exemplo, tanto em sua forma antiga quanto moderna, é imperialista. Nossa época, portanto, se apegua a uma doutrina anárquica da liberdade acadêmica e trabalha mais do que todas as demais para impor suas idéias sobre outros. Isto não deve nos surpreender. O anarquismo exige o imperialismo: para o anarquismo, não há possibilidade de comunicação num âmbito comum de verdade.

Portanto, um cristão em um contexto acadêmico enfrenta um ataque bastante peculiar. Por crer em uma verdade que é obrigatória para todos os homens, se constitui em inimigo da liberdade acadêmica. E ao mesmo tempo, devido a não estar aberto à igualdade do bem e do mal, da verdade e do erro, não comprometerá a verdade da fé. Converte-se assim em alvo do imperialismo acadêmico e institucional. E por não permitir que o reduzam ao nível comum do pragmatismo e da conveniência, é alvo das atividades que visam intimidá-lo.

Para resistir a este ataque, o cristão deve possuir uma autoconsciência epistemológica; deve estar consciente de suas raízes teológicas. A educação cristã pressupõe um Deus, uma lei, uma verdade, um universo. O educador cristão não afirma ser o *dono* da verdade absoluta, mas insiste em que a verdade é absoluta, e é real. Seu conjunto de verdades tem um cânon, as Escrituras, como a regra de fé e prática. Portanto, ensinar uma disciplina a partir de uma perspectiva cristã implica em pressupor, não um universo politeísta, mas o Deus trino como Senhor e Criador. Significa que o mundo não é produto da vontade ou idéia do homem mas do decreto criativo de Deus. Significa que existe um universo de coerência e significado, e que, em lugar de termos uma série de feitos brutos, ininteligíveis e sem significado, temos um universo com significado total, porque é todo ele obra das mãos de Deus. O universo não é somente um universo com significado mas também com lei. Há a *necessidade* desta lei e deste significado, e as violações de ambos produzem conseqüências infelizes. Essa ordem de necessidade provém de Deus, não do homem.

Onde pusermos nossa *necessidade*, ela determinará como será nossa sociedade, nossa educação e nossa cultura. Se colocarmos a necessidade no homem, temos o homem totalitário e seu Estado tirânico. Se colocarmos a necessidade em Deus, negando-a ao homem, sua cultura e educação enfatizarão a lei e a estrutura da realidade em

lugar da ênfase na lei-estrutura do Estado. Ensinares História, a predestinação por parte de Deus, não ciências sociais, a predestinação por parte do homem. Ensinares Economia, o fato de que há uma necessidade na natureza das coisas, em lugar de ensinar Economia Política, transferindo a necessidade para o Estado.

Em suma, teremos premissas e conclusões radicalmente opostas.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 116-118.